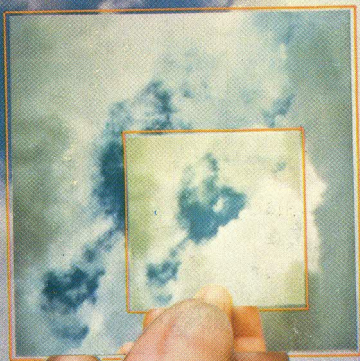


colecção 103 primeiros passos



Lúcia Santaella
**O QUE É
SEMIÓTICA**

editora brasiliense

Copyright © by Lúcia Santaella, 1983
*Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada,
armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada,
reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer
sem autorização prévia da editora.*

Primeira edição, 1983

15ª reimpressão, março de 1999

Revisão: Mercedes de Paula Ferreira
e Carmen T. S. Costa
Capa: Ettore Bottini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santaella, Lúcia

O que é semiótica / Lúcia Santaella. – 1.ª ed. – São
Paulo : Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros passos : 103)

ISBN 85-11-01103-X

I. Semiótica I. Título. II. Série.

94-4146

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Semiótica : Lingüística 410

brasiliense
B

EDITORA BRASILIENSE S/A

RUA AIRI, 22 - TATUAPÉ

CEP 03310-010 - SÃO PAULO-SP

TELEFONE E FAX: (0xx11) 218-1488

e-mail: brasilienseedit@uol.com.br

home page: www.editorabrasiliense.com.br

Decifron / Ideologia Por Trás do Inquiro
Show dos Rolling Stones

PRIMEIROS PASSOS PARA A SEMIÓTICA

Semeion - signo
ciência dos signos
de José de Linguagens

Semi-ótica — ótica pela metade? ou Simiótica — estudo dos símios? *MACCOS*

Essas são, via de regra, as primeiras traduções, a nível de brincadeira, que sempre surgem na abordagem da Semiótica. Aí, a gente tenta ser sério e diz: — “O nome Semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer *signo*. Semiótica é a ciência dos signos.” Contudo, pensando esclarecer, confundimos mais as coisas, pois nosso interlocutor, com olhar de surpresa, compreende que se está querendo apenas dar um novo nome para a Astrologia.

Confusão instalada, tentamos desenredar, dizendo: — “Não são os signos do zodíaco, mas signo, linguagem. A Semiótica é ‘a ciência geral de todas as linguagens’”. Mas, assim, ao invés de melhorar, as coisas só pioram, pois que, então, o interlocutor, desta vez com olhar de cumplicidade — segredo desvendado —, replica: — “Ah! Agora compreendi. Não se estuda só o português, mas todas as línguas”.

Nesse momento, nós nos damos conta desse primordial, enorme equívoco que, de saída, já ronda a Semiótica: a confusão entre língua e linguagem. E para deslindá-la, sabemos que temos de começar as coisas de seus começos, agarrá-las pela raiz, caso contrário, tornamo-nos presas de uma rede em cuja tessitura não nos enredamos e, por não nos termos enredado, não saberemos lê-la, traduzi-la.

Aqui encontro a função deste pequeno volume sobre Semiótica: juntos perseguirmos as questões desde seus começos, para que, por fim, cheguemos a um patamar que torne possível ao meu leitor prosseguir, caso queira, livre no seu próprio caminho de investigação e de descoberta.

Uma definição ou um convite?

Alguns anos atrás, em um seminário sobre Semiótica, realizado em uma das cidades do Brasil, um aluno que permanecia ainda muito curioso, apesar de já ter assistido a algumas palestras, subitamente me perguntou: — “Mas, afinal, o que é Semiótica?”.

Assim, de chofre, tomada de surpresa no corredor de passagem de uma sala a outra, devo ter respondido algo parecido com isto: — “Quando alguma coisa se apresenta em estado nascente, ela costuma ser frágil e delicada, campo aberto a muitas possibilidades ainda não inteiramente consumadas e consumidas. Esse é justamente o caso da Semiótica: algo nascendo e em processo de crescimento. Esse algo é uma *ciência*, um território do saber e do conhecimento ainda não sedimentado, indagações e investigações em progresso.

Um processo como tal não pode ser traduzido em uma única definição cabal, sob pena de se perder justo aquilo que nele vale a pena, isto é, o engajamento vivo, concreto e real no

caminho da instigação e do conhecimento. Toda definição acabada é uma espécie de morte, porque, sendo fechada, mata justo a inquietação e curiosidade que nos impulsionam para as coisas que, vivas, palpitam e pulsam”.

Sei que, em vez de dar uma resposta direta e positiva (função que provavelmente me cabia na ocasião), estava tentando armar uma estratégia de sedução. Em lugar de saciar à sua curiosidade, só queria aumentá-la. Contudo, o peso das certezas é sempre mais forte que o das dúvidas. Recebi, por isso, uma segunda pergunta que, aliás, não era mais uma pergunta, mas uma crítica só levemente velada: — “Que importância pode ter isso para nós? Nós que temos a resolver um problema muito mais prioritário e urgente, o da miséria e da fome?”.

Acenei, então, mais uma vez com uma sugestão de resposta: — “Há duas espécies de fome: a da miséria do corpo, esta, mais fundamental e determinante, visto que interceptadora de quaisquer outras funções, necessidades e realizações humanas; mas há também a carência de conhecimento, este, outro tipo de fome. Nossa luta tem de ser travada sempre simultaneamente em ambas as direções. A Semiótica está rapidamente se desenvolvendo em todas as partes do mundo. Por que haveremos nós de cruzar os braços, ficando à espera dos restos de sopa científica que os outros poderão, porventura, nos deixar de sobra?”.

Linguagens verbais e não-verbais

Antes de tudo, cumpre alertar para uma distinção necessária: o século XX viu nascer e está testemunhando o crescimento de duas ciências da linguagem. Uma delas é a Linguística, ciência da linguagem verbal. A outra é a Semiótica, ciência

Semiótica não deve ter uma definição
“definitiva”

de toda e qualquer linguagem. As principais relações fundamentais de semelhança e oposição entre ambas são problemas que tentaremos ir focalizando oportunamente no decorrer do percurso que iremos efetuar neste livro.

Como ponto de partida, porém, que tentemos desatar o nó de um equívoco de base: a diferença entre língua e linguagem em conexão com a diferença, que buscaremos discriminar, entre linguagens verbais e não-verbais.

Tão natural e evidente, tão profundamente integrado ao nosso próprio ser é o uso da *língua* que falamos, e da qual fazemos uso para escrever — língua nativa, materna ou pátria, como costuma ser chamada —, que tendemos a nos desaperceber de que esta não é a única e exclusiva forma de linguagem que somos capazes de produzir, criar, reproduzir, transformar e consumir, ou seja, ver-ouvir-ler para que possamos nos comunicar uns com os outros.

É tal a distração que a aparente dominância da língua provoca em nós que, na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrínscada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem.

Cumprir notar que a ilusória exclusividade da língua, como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiados, é muito intensamente devida a um condicionamento his-

tórico que nos levou à crença de que as únicas formas de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal oral ou escrita. O saber analítico, que essa linguagem permite, conduziu à legitimação consensual e institucional de que esse é o saber de primeira ordem, em detrimento e relegando para uma segunda ordem todos os outros saberes, mais sensíveis, que as outras linguagens, as não-verbais, possibilitam.

No entanto, em todos os tempos, grupos humanos constituídos sempre recorreram a modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais outros e diversos da linguagem verbal, desde os desenhos nas grutas de Lascaux, os rituais de tribos "primitivas", danças, músicas, cerimônias e jogos, até as produções de arquitetura e de objetos, além das formas de criação de linguagem que viemos a chamar de arte: desenhos, pinturas, esculturas, poética, cenografia etc.

E, quando consideramos a linguagem verbal escrita, esta também não conheceu apenas o modo de codificação alfabética criado e estabelecido no Ocidente a partir dos gregos. Há outras formas de codificação escrita, diferentes da linguagem alfabeticamente articulada, tais como hieróglifos, pictogramas, ideogramas, formas estas que se limitam com o desenho.

Em síntese: existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo.

Portanto, quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, a linguagem dos

surdos-mudos, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros. Enfim: todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propiciam hoje uma enorme difusão.

De dois séculos para cá (pós-revolução industrial), as invenções de máquinas capazes de produzir, armazenar e difundir linguagens (a fotografia, o cinema, os meios de impressão gráfica, o rádio, a TV, as fitas magnéticas etc.) povoaram nosso cotidiano com mensagens e informações que nos espantam e nos esperam. Para termos uma idéia das transmutações que estão se operando no mundo da linguagem, basta lembrar que, ao simples apertar de botões, imagens, sons, palavras (a novela das 8, um jogo de futebol, um debate político...) invadem nossa casa e a ela chegam mais ou menos do mesmo modo que chegam a água, o gás ou a luz.

É claro que no sistema social em que vivemos estamos fadados a apenas receber linguagens que não ajudamos a produzir, que somos bombardeados por mensagens que servem à inculcação de valores que se prestam ao jogo de interesses dos proprietários dos meios de produção de linguagem e não aos usuários. Contudo, a discussão dessas contradições seria assunto para um outro livro que, aliás, já consta desta coleção Primeiros Passos (cf. *O que é Indústria Cultural*).

Assim, que passemos aqui para a observação mais cuidada da extensão que um conceito lato de linguagem pode cobrir. Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido.

Iremos, contudo, mais além: de todas as aparências sensíveis, o homem — na sua inquieta indagação para a

compreensão dos fenômenos — desvela significações. É no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração dos *sinais* (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em *signos* ou *linguagens* (produtos da consciência). Nessa medida, o termo linguagem se estende aos sistemas aparentemente mais inumanos como as linguagens binárias de que as máquinas se utilizam para se comunicar entre si e com o homem (a linguagem do computador, por exemplo), até tudo aquilo que, na natureza, fala ao homem e é sentido como linguagem. Haverá, assim, a linguagem das flores, dos ventos, dos ruídos, dos sinais de energia vital emitidos pelo corpo e, até mesmo, a linguagem do silêncio. Isso tudo, sem falar do sonho que, desde Freud, já sabemos que também se estrutura como linguagem.

Sobre Linguagem

Até onde vai a Semiótica

Aqui tocamos um ponto que nos permite retornar à questão de onde partimos. As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem. A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.

Seu campo de indagação é tão vasto que chega a cobrir o que chamamos de vida, visto que, desde a descoberta da estrutura química do código genético, nos anos 50, aquilo que chamamos de vida não é senão uma espécie de linguagem, isto é, a própria noção de vida depende da existência de informação no sistema biológico. Sem informação não há mensagem, não há planejamento, não há reprodução, não há processo e mecanismo de controle e comando. No caso da

vida, estes são necessariamente ligados a uma linguagem, a uma ordenação obtida a partir de um compartimento armazenador da informação como a DNA (substância universal portadora do código genético). Portanto, os dois ingredientes fundamentais da vida são: *energia* (que torna possíveis os processos dinâmicos) e *informação* (que comanda, controla, coordena, reproduz e, eventualmente, modifica e adapta o uso da energia). Sem a linguagem seria impossível a vida, pelo menos como a conceituamos agora: algo que se reproduz, que tem um comportamento esperado e certas propensões.

Nessa medida, não apenas a vida é uma espécie de linguagem, mas também todos os sistemas e formas de linguagem tendem a se comportar como sistemas vivos, ou seja, eles reproduzem, se readaptam, se transformam e se regeneram como as coisas vivas.

Caracterizado o campo de abrangência da Semiótica, podemos repetir que ele é vasto, mas não indefinido. O que se busca descrever e analisar nos fenômenos é sua constituição como linguagem. Neste sentido, embora a Semiótica se constitua num campo intrincado e heteróclito de estudos e indagações que vão desde a culinária até a psicanálise, que se intrometem não só na meteorologia como também na anatomia, que dão palpites tanto ao cientista político quanto ao músico, que imprevisivelmente invadem territórios que se querem bem protegidos pelas bem demarcadas fronteiras entre as ciências, isso não significa que a Semiótica esteja sorrateiramente chegando para roubar ou pilhar o campo do saber e da investigação específica de outras ciências. Nos fenômenos, sejam eles quais forem — uma nesga de luz ou um teorema matemático, um lamento de dor ou uma idéia abstrata da ciência —, a Semiótica busca divisar e deslindar seu ser de linguagem, isto é, sua ação de signo. Tão-só e apenas. E isso já é muito.

O LEGADO DE C. S. PEIRCE

A Semiótica, a mais jovem ciência a despontar no horizonte das chamadas ciências humanas, teve um peculiar nascimento, assim como apresenta, na atual fase do seu desenvolvimento histórico, uma aparência não menos singular. A primeira peculiaridade reside no fato de ter tido, na realidade, três origens ou sementes lançadas quase simultaneamente no tempo, mas distintas no espaço e na paternidade: uma nos EUA, outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental.

Esse surgimento em lugares diferentes, mas temporalmente quase sincronizados, só vem confirmar uma hipótese de que os fatos concretos — isto é, a proliferação histórica crescente das linguagens e códigos, dos meios de reprodução e difusão de informações e mensagens, proliferação esta que se iniciou a partir da Revolução Industrial — vieram gradativamente inseminando e fazendo emergir uma "consciência semiótica".

Não foi senão essa consciência de linguagem em sentido amplo que gerou a necessidade do aparecimento de uma

ciência capaz de criar dispositivos de indagação e instrumentos metodológicos aptos a desvendar o universo multiforme e diversificado dos fenômenos de linguagem.

São três, conforme já disse, as fontes nas quais a ciência Semiótica encontrou seu nascimento e através das quais veio teoricamente se desenvolvendo. Dedicarei, no entanto, a quase totalidade deste pequeno livro a uma dessas fontes, a norte-americana, que germinou nos trabalhos do cientista-lógico-filósofo Charles Sanders Peirce. No último capítulo contudo, o leitor encontrará um panorama geral das outras duas fontes, de modo que possa tomar conhecimento de um quadro mais complexo dos caminhos da Semiótica.

Um Leonardo das ciências modernas

C. S. Peirce (1839-1914) era, antes de tudo, um cientista. Seu pai (Benjamim Peirce) foi, na época, o mais importante matemático de Harvard, sendo sua casa uma espécie de centro de reuniões para onde naturalmente convergiam os mais renomados artistas e cientistas. Portanto, desde criança, o pequeno Charles já conduzia sua existência num ambiente de acentuada respiração intelectual. É por isso que químico ele já era, desde os seis anos de idade. Aos 11 anos escreveu uma História da Química; e em Química se bacharelou na Universidade de Harvard.

Mas Peirce era também matemático, físico, astrônomo, além de ter realizado contribuições importantes no campo da Geodésia, Metrologia e Espectroscopia. Era ainda um estudioso dos mais sérios tanto da Biologia quanto da Geologia, assim como fez, quando jovem, estudos intensivos de classificação zoológica sob a direção de Agassiz.

Em nenhum momento de sua vida, contudo, Peirce se confinou estritamente às ciências exatas e naturais. No campo das ciências culturais, ele se devotou particularmente à Linguística, Filologia e História. Isso sem mencionarmos suas enormes contribuições à Psicologia que fizeram dele o primeiro psicólogo experimental dos EUA.

Como se isso não bastasse, conhecia ainda mais de uma dezena de línguas, além de ter realizado estudos em Arquitetura e cultivado a amizade de pintores. Conhecedor profundo de Literatura (especialmente Shakespeare e Edgar Allan Poe), fez elaborados estudos de dicção poética e chegou a escrever um longo conto (*A Tale of Thessaly*) para o qual não encontrou editor. Mais para o fim de sua vida, estava escrevendo uma peça de teatro. Praticava ainda a "arte quirográfica", além de ser um grande experimentador de vinhos, tendo desenvolvido essa aprendizagem numa estada de seis meses em Voisin.

Como explicar essa quase assombrosa diversidade de campos e interesses?

Repetimos: Peirce era, antes de tudo, um cientista. E como cientista sobreviveu, trabalhando para o governo federal a serviço da "Costa e Inspeção Geodésica", durante o dia, de 1861 a 1891, e simultaneamente, por algum tempo, no Observatório de Harvard College, durante a noite; trabalhos que aparentemente o afastaram da Química para pesquisas em Astronomia e ciências correlatas. No entanto, ao se aposentar, aos 52 anos de idade, Peirce tentou se estabelecer como engenheiro químico, numa atividade que hoje chamaríamos de *free-lancer*.

Um cientista, portanto, ele jamais deixou de ser, tendo produzido contribuições importantes e originais na Matemática e outras ciências até poucos dias antes de sua morte, em 1914. No entanto, por trás de tudo isso, existia um fio condutor: sendo um cientista, Peirce era, acima de tudo, um lógico. Essa foi a grande e irresistível paixão de toda a sua vida.

A quase inacreditável diversidade de campos a que se dedicou pode ser explicada, portanto, devido ao fato de que se devotar ao estudo das mais diversas ciências exatas ou naturais, físicas ou psíquicas, era para ele um modo de se dedicar à Lógica. Seu interesse em Lógica era, primariamente, um interesse na Lógica das ciências. Ora, entender a Lógica das ciências era, em primeiro lugar, entender seus métodos de raciocínio. Os métodos diferem muito de uma ciência a outra e, de tempos em tempos, dentro de uma mesma ciência. Os pontos em comum entre esses métodos só podem ser estabelecidos, desse modo, por um estudioso que conheça as diferenças, e que as conheça através da prática das diferentes ciências.

Essa gigantesca empresa foi o que Peirce tomou para si, durante toda a sua vida. E, pela enormidade dessa empresa, pagou o preço da solidão, da miséria e de uma existência sem qualquer tipo de glória. Durante 60 anos de sua vida, lutou pela consideração da Lógica como uma ciência. Mas o dia da Lógica não havia ainda soado...

Peirce estava perfeitamente consciente (e isso ele declarou muitas vezes) de que a deliberada diversificação de seu trabalho em múltiplas ciências impediria que ele atingisse a eminência que ele deveria ter atingido, se tivesse concentrado seus esforços em apenas uma delas, ou mesmo em algumas ciências proximamente relacionadas. No entanto, para ele a Lógica não era uma opção, mas uma paixão da qual não podia se desviar, mesmo que quisesse.

É por isso que as poucas e temporárias vezes que penetrou, como professor convidado, os umbrais da Universidade do seu tempo, foram para ministrar palestras sobre Lógica. É por isso que, ao ser nomeado membro da Academia Americana de Ciência e Artes, em 1867, ele não apresentou senão cinco estudos, todos sobre Lógica. E, em 1877, ao ser nomeado membro da Academia Nacional de Ciências (depois de ter sido

indicado por cinco anos consecutivos), ele assim o foi, apesar de ter enviado apenas quatro estudos sobre Lógica, pelos quais queria ser julgado um homem da ciência ou não. Ao responder à Academia pela honra concedida, Peirce expressou sua satisfação pelo reconhecimento implícito da Lógica como ciência.

Mesmo assim, foi apenas na edição de 1910 em *Quem é quem na América* que compareceu, pela primeira vez, uma referência à profissão de Peirce como aquela de um lógico. Mas foi só depois de sua morte que ele passou a ser considerado um filósofo. E aqui começa uma outra estória.

Um só homem dialogando com 25 séculos de filosofia ocidental

transformou filósofo em ciências

Todo o tempo em que Peirce foi um cientista, ele foi também um filósofo. Aos 16 anos de idade, começou a estudar Kant e, alguns anos mais tarde, sabia a *Crítica da Razão Pura* de cor. Não há qualquer campo da especulação filosófica que lhe tenha passado despercebido: dos pré-socráticos e gregos aos empiristas ingleses, dos escolásticos a Descartes e todos os alemães...

Desde muito cedo, quando ele começou na Filosofia, pretendeu trazer para esta uma aproximação alternativa que tinha, até então, poucos representantes, isto é, a aproximação ao pensamento filosófico através das ciências. Um filósofo, portanto, que levou para a Filosofia o espírito da investigação científica, que assumiu que as disciplinas filosóficas são ou podem se tornar também ciências e que, para tal, propôs aplicar na Filosofia, com as modificações necessárias, os métodos de observação, hipóteses e experimentos que são praticados nas ciências.

Não é difícil se perceber, a partir disso, o vínculo que se estabeleceu, no seu pensamento, entre a Lógica e a Filosofia. Para ele, o caminho para a Filosofia tinha de se dar através da Lógica, mais particularmente, através da Lógica da ciência. Este caminho, por seu turno, se bifurcava: de um lado, através da prática das diversas ciências, de outro, através da História da ciência.

Conclusão: se, até quase o final de sua vida, Peirce não conseguiu ser reconhecido como lógico, não é de se estranhar que, através do caminho pelo qual optou pela Filosofia, tenha atravessado sua existência inteira, sem jamais ser reconhecido como filósofo. Não é de se estranhar, ainda, por que nenhuma Universidade americana soube lhe dar um emprego como professor: nem como cientista, nem como lógico, nem como filósofo. Peirce chegou cedo demais para o seu próprio tempo.

Conforme uma afirmação de Max H. Fisch (filósofo norte-americano, venerável figura humana que tem dedicado praticamente quase 50 anos de sua existência à recuperação da obra de Peirce e a cujos artigos devo grande parte das informações biográficas que ora exponho), "Peirce era uma espécie de filósofo que era, em primeiro lugar um cientista, e uma espécie de cientista que era, em primeiro lugar, um lógico da ciência. Nenhuma Universidade, grande ou pequena, do seu tempo, soube o que fazer com tal filósofo ou com tal cientista".

Mas aqui chegamos ao ponto de cercar uma outra questão: o que tem a Semiótica a ver com tudo isso?

A resposta, pelo menos em princípio, é simples: desde o começo do despertar do seu interesse pela Lógica, Peirce a concebeu como nascendo, na sua completude, dentro do campo de uma teoria geral dos signos ou Semiótica. Primeiramente, ele concebeu a lógica propriamente dita (aquilo que conhecemos como Lógica) como sendo um ramo da Semiótica. Mais tarde, ele adotou uma concepção muito mais ampla da Lógica que era quase coextensiva a uma teoria geral de

todos os tipos possíveis de signos. Na última década de sua vida, estava trabalhando num livro que se chamaria *Um Sistema de Lógica, considerada como Semiótica*.

Mas o caminho de Peirce para a Semiótica começou muito, muito cedo. Diz ele: "... desde o dia em que, na idade de 12 ou 13 anos, eu peguei, no quarto de meu irmão mais velho, uma cópia da Lógica de Whateley e perguntei ao meu irmão o que era Lógica, ao receber uma resposta simples, joguei-me no assoalho e me enterrei no livro. Desde então, nunca estive em meus poderes estudar qualquer coisa — matemática, ética, metafísica, anatomia, termodinâmica, ótica, gravitação, astronomia, psicologia, fonética, economia, a história da ciência, jogo de cartas, homens e mulheres, vinho, metrologia, exceto como um estudo de Semiótica".

De tudo isso, cumpre, por enquanto, ser enfatizado que foi de dentro do diálogo de um só homem com 25 séculos de tradição filosófica ocidental, assim como foi de dentro de um gigantesco corpo teórico que veio gradativamente emergindo a sua teoria lógica, filosófica e científica da linguagem, isto é, a Semiótica. Aproximar-se, portanto, dessa Semiótica, ignorando suas fundações e seu caráter de diálogo com a tradição, é perder 99% de seu potencial instigador e enriquecedor para a história da Filosofia.

Trata-se da obra de um pensador solitário e incansável, figura de uma rara e inimaginável envergadura científica, que passou praticamente os últimos 30 anos de sua vida estudando 16 horas por dia, e que deixou para a posteridade nada menos do que 80 000 manuscritos, além de 12 000 páginas publicadas em vida.

Considerando-se que, décadas depois de sua morte, apenas perto de 5.000 páginas (fragmentos mais ou menos arbitrariamente selecionados por entre essas 80 000) foram publicadas; considerando-se que só recentemente, graças aos esforços de grupos de estudiosos norte-americanos, esses

manuscritos foram catalogados; considerando-se que só agora uma edição cronológica da produção de Peirce está sendo preparada para restaurar, senão a integralidade, pelo menos a integridade do seu pensamento, pode-se concluir que é com muito vagar que sua obra está sendo posta a público. Com igual vagar está sendo decifrada, devido ao seu alto teor de complexibilidade e originalidade.

Contudo, pelo que me foi dado conhecer por entre essas dezenas de milhares de páginas — inclusive consultando diretamente os arquivos de Peirce, nos Estados Unidos — posso afirmar que a Semiótica peirceana, longe de ser uma ciência a mais, é, na realidade, uma Filosofia científica da linguagem, sustentada em bases inovadoras que revolucionam, nos alicerces, 25 séculos de Filosofia ocidental. Afirmei isso, com alguma timidez, alguns anos atrás. Cada vez mais, no entanto, sou levada a confirmá-lo com menos hesitação. Evidentemente, neste pequeno volume, não poderei senão insinuar certas pistas e aclarar alguns conceitos de sua teoria. Faço questão dessas afirmações, no entanto, para que elas aqui compareçam como uma espécie de sinal de alerta.

Resta, entretanto, tocar uma outra questão. Não há dúvida de que a tarefa, que assumi levar à frente neste livro, pode parecer ousada: traduzir para um nível de compreensão bem simples a visão geral de um pensamento e uma teoria que pulsam em complexibilidades e desbordam de muito o campo mais estrito de minha própria capacidade. No entanto, assumo os riscos de minhas possíveis e prováveis lacunas. Se a amplidão de horizontes da Semiótica de Peirce veio muito cedo para o seu próprio tempo, que, pelo menos, não venha tarde demais para o nosso próprio tempo. E isso defendo porque, tanto quanto posso ver, toda grande descoberta científica, assim como toda grande obra de criação, não deveria, de direito, pertencer a um grupo, uma classe ou mesmo uma nação, mas ao acervo da espécie humana.

PARA SE LER O MUNDO COMO LINGUAGEM

Embora Peirce considerasse toda e qualquer produção, realização e expressão humana como sendo uma questão semiótica, isto não significa que a ciência semiótica tenha sido por ele concebida como uma ciência onipotente, ou toda suficiente, visto que, para ele, qualquer todo suficiente é necessariamente insuficiente.

Nessa medida, dentro do conjunto do seu sistema filosófico, a Semiótica é apenas uma parte e, como tal, só se torna explicável e definível em função desse conjunto. Além disso, o próprio sistema filosófico por ele criado localiza-se como parte de um sistema ainda maior, tal como aparece na sua gigantesca arquitetura classificatória das diferentes ciências e das relações que elas mantêm entre si.

Assim sendo, há que se considerar primeiramente três tipos de ciência: 1) ciências da descoberta, 2) ciências da digestão (as que digerem e divulgam essas descobertas, crian-

OUTRAS FONTES E CAMINHOS

Embora a opção deste livro tenha sido aquela de fornecer ao leitor uma visão mais rente à teoria peirceana, não poderia estar completo um panorama geral da Semiótica se deixássemos de indicar aqui, mesmo que de modo breve, o traçado das outras duas fontes de origem e desenvolvimento dessa ciência. Senão vejamos.

Uma dessas fontes começou a germinar na União Soviética, desde o século passado, nos trabalhos de dois grandes filólogos, A. N. Viesse-lovski e A.A. Potiebníá, vindo explodir de modo efervescente na Rússia revolucionária, época de experimentação científica e artística que deu nascimento ao estruturalismo lingüístico soviético, aos estudos de Poética formal e histórica e aos movimentos artísticos de vanguarda nos mais diversos domínios: teatro, literatura, pintura, cinema etc.

A outra fonte encontra-se no Curso de Lingüística Geral, proferido pelo lingüista F. de Saussure, na Universidade de Genebra, no final da primeira década deste século. Esse curso foi, posteriormente, transformado em livro e publicado postu-

mamente a partir das notas de aulas extraídas por alguns alunos.

Esse livro mereceu, imediatamente, a mais ampla divulgação pela Europa e, pouco mais tarde, por quase o mundo todo. Os conceitos lingüísticos que ele encerra foram retomados, discutidos e ampliados por uma série de outros lingüistas, especialmente L. Hjelmslev; e seus princípios metodológicos foram aplicados a áreas vizinhas, notadamente a Antropologia e Teoria Literária; suas descobertas, devidamente exploradas, radicalizadas e levadas às últimas conseqüências pelos novos pensadores europeus, particularmente J. Derrida.

A mesma sorte de uma divulgação imediata não acolheu, no entanto, os estudos lingüísticos, poéticos e artísticos — marcados por um vocação semiótica — que os russos nos legaram. A maior parte deles não apenas foi retirada de circulação durante os expurgos stalinistas, mas foi também com grande dificuldade que esses estudos puderam ser recolocados em pauta, décadas mais tarde. Nessa medida, a recuperação dessas investigações pelo Ocidente tem sido lenta, fragmentária e só nos últimos anos alguns trabalhos sérios têm conseguido reconstituir esse legado num quadro mais geral e elucidativo.

De qualquer modo, tentaremos delinear aqui, em breves lances, as características mais gerais das fontes e do desenvolvimento mais recente que essas fontes têm recebido na União Soviética, remetendo, ao final deste volume, o leitor mais interessado num aprofundamento, para uma pequena bibliografia já existente sobre o assunto no Brasil.

As fontes soviéticas

Começando pelos filólogos citados (Potiebníá e Viesse-lovski) em cujas obras podem ser encontradas, já no século

XIX, algumas raízes das descobertas do estruturalismo lingüístico no século XX, chegamos ao lingüista N. I. Marr, que, no começo deste nosso século, vinha desenvolvendo, segundo nos informa B. Schneiderman, "uma teoria *estadial* que ligava intimamente a fase de desenvolvimento da língua com os estádios de desenvolvimento da sociedade".

Controvérsias com Stalin, contudo, emudeceram tanto a voz de Marr quanto de seus adeptos por longo tempo na URSS. Embora publicamente ensurdecidos, seus estudos tiveram prosseguimento num trabalho conjunto com o psicólogo L. S. Vigotski e o cineasta S. M. Eisenstein. Esses estudos incluíam relações entre a linguagem e os ritos antigos, assim como entre a linguagem dos gestos e a língua articulada.

Mencionar o cineasta Eisenstein, no entanto, significa termos de nos deparar com a mais completa encarnação de um verdadeiro "artista inter-semiótico" surgido na Rússia revolucionária e pós-revolucionária. Essa *intersemiose* está expressa na sua preocupação com a origem dos sistemas de signos, na presença da literatura em suas reflexões sobre o cinema, na sua prática do teatro e nos estudos das diversas artes, notadamente a pintura em sua relação com o cinema, assim como nos experimentos, ainda no cinema mudo, com os efeitos de som-imagem e na influência de um instigante conhecimento do ideograma japonês e chinês sobre sua técnica de montagem cinematográfica, além do conhecimento do teatro Kabuki e estampa japonesa, tudo isso culminando numa constante preocupação com a síntese entre ciência e arte.

A *interpenetração das artes e destas com a ciência e técnica* que, na obra de Eisenstein, encontrou seu ponto limite, também comparecia, na mesma época, nos trabalhos dos poetas cubofuturistas, em experimentos teatrais ou em projetos no campo da escultura — arquitetura e experiências gráficas que faziam emergir a revolução nas artes em sincronia com a explosão de um espírito revolucionário mais global.

Nesse mesmo ambiente efervescente de uma prática semiótica e criativa, irromperam os estudos científicos de *Poética* que vieram a ser conhecidos sob o título de *Formalismo Russo*, assim como os fundamentos de uma ciência lingüística que nasceram no Círculo Lingüístico de Praga, além das investigações em torno de uma *Poética histórica e sociológica* desenvolvidas pelo chamado Círculo de Bahktine. Esse campo multiforme, ao mesmo tempo prático-criativo e teórico-científico, constitui-se naquilo que poderíamos considerar como sendo as fontes da Semiótica russa.

Como se pode ver, não se trata aí de uma construção da ciência semiótica como tal, mas de *uma série de ricas contribuições voltadas para a problemática dos signos na sua relação com a vida social, mais acentuadamente os signos lingüísticos e poéticos*, revelando, porém, a maioria desses estudos, principalmente os do Círculo de Bahktine, uma acentuada tendência para uma visão globalizadora da cultura, ou seja, a investigação da linguagem na sua relação com a cultura e a sociedade.

A *recuperação sistemática dessa rica herança, com vista ao desenvolvimento de investigações intencionalmente semióticas*, teve início, na União Soviética, a partir de fins dos anos 50, por um número hoje cada vez maior de pesquisadores reunidos quase sempre em torno da figura proeminente de *Iuri Lotman*. Tirando proveito das fontes mais estritamente poéticas e lingüísticas legadas pelo passado, esses estudiosos têm estendido suas indagações para todos os sistemas de signos fundamentando-as em ciências mais recentes tais como a Cibernética e a Teoria da Informação, e mesmo a Matemática, consideradas todas elas de grande importância não só para a Semiótica como para todas as demais ciências humanas.

Conforme se pode deduzir, apesar de que a intenção desses estudos seja, sem dúvida alguma, a de abrir o leque semiótico de modo a abraçar a totalidade da produção cultural,

o que parece faltar, na base dessas investigações, é uma fundamentação teórica, isto é, um corpo científico especialmente semiótico. Ao contrário, as pesquisas lá se desenvolvem a partir de modelos teóricos emprestados de ciências vizinhas, e que são adaptados com vistas à construção de um corpo metodológico aplicável a todo e qualquer fenômeno de linguagem.

Cumprir notar que o modelo teórico privilegiado e nuclear é aquele das línguas naturais, quer dizer, o da linguagem verbal. Tomando-se como base os conceitos teóricos criados pela lingüística estrutural para a descrição da língua como sistema, acoplando-se esses conceitos aos pontos de contato que eles apresentam com os da teoria da informação, esses dispositivos são, então, transferidos para o campo de qualquer outra manifestação de linguagem que não a linguagem verbal.

A matriz saussureana

Durante o curso de Lingüística Geral proferido por Saussure na Universidade de Genebra, mal podia este investigador pressentir a colossal repercussão que seu trabalho teria pelo mundo afora e a aplicabilidade que suas descobertas encontrariam em outras áreas do saber no território das ciências humanas.

Que grande salto à frente representa esse curso na história da Lingüística iniciada, digamos, desde os trabalhos dos gramáticos gregos? Alimentando-se em algumas fontes de avanço no caminho para uma ciência do verbal, já lançadas no século XIX por W. Humboldt, Saussure, na realidade, compõe, em bases precisas, os princípios científicos e metodológicos que fundam as descobertas da economia específica da linguagem articulada, fazendo aparecer, no horizonte de nossas

indagações, esse novo objeto por ele identificado, ou seja, a *língua* como sistema ou estrutura regida por leis e regras específicas e autônomas.

Mas esclareçamos isso melhor. Se por estrutura formos aí entender categorias gramaticais que se organizam hierarquicamente e que se conjugam em padrões sintáticos definidos, isso é quase tão antigo quanto os primordiais estudos da linguagem verbal. A grande revolução saussureana instaura-se no centro da noção mesma de estrutura. Isto quer dizer: a interação dos elementos que constituem a estrutura da língua é de tal ordem que a alteração de qualquer elemento, por mínimo que seja, leva à alteração de todos os demais elementos do sistema como um todo.

Nesse sentido, a lingüística saussureana não é meramente uma teoria para a descrição de línguas particulares, tais como a francesa, inglesa ou ameríndia, mas uma teoria que tem por objeto os mecanismos lingüísticos gerais, quer dizer, o conjunto das regras e dos princípios de funcionamento que são comuns a todas as línguas.

Para Saussure, portanto, a língua é um sistema de valores diferenciais, isto é, a língua é uma forma na qual cada elemento, desde um simples som elementar (*f*, por exemplo, na palavra *fato*, ou *g*, na palavra *gato*), só existe e adquire seu valor e função por oposição a todos os outros. Cada elemento, portanto, só é o que é por diferença em relação àquilo que todos não são. O valor é, por isso, determinado por suas relações no interior de um sistema.

Nessa medida, a linguagem falada, ou a linguagem articulada, só pode produzir sentido, só pode significar, sob a condição de dar forma a um certo material, segundo regras combinatórias precisas. A língua é uma bateria combinatória, estabelecida por convenção ou pacto coletivo, armazenada no cérebro dos indivíduos falantes de uma dada comunidade. Somente na medida em que nos submetemos a essas regras,

Saussure: Conjunto de regras e dos princípios de funcionamento comuns a todas as línguas.

RELA
SAO
E
NEGA
SAO

podemos nos integrar numa comunidade lingüística e social. Nascer, portanto, não é senão chegar e encontrar a língua pronta. E aprender a língua materna não é senão ser obrigado, desde a mais tenra idade, a se inscrever nas estruturas da língua. Pode-se concluir: a língua não está em nós, nós é que estamos na língua.

Disso se deduz que a língua é um fenômeno social e é este sistema abstrato formal de regras arbitrárias socialmente aceitas que se constitui para Saussure no objeto da ciência lingüística. Daí decorre sua distinção entre língua e fala (*langue* e *parole*).

A língua é constituída pelo conjunto sistemático das convenções necessárias à comunicação, é um produto social de cuja assimilação cada indivíduo depende para o exercício da faculdade da linguagem. A fala, por seu lado, é a parte individual da linguagem, diz respeito ao uso e desempenho efetivo e substancial das regras da língua num ato de fala e comunicação particulares.

Como se vê, língua e fala são inseparáveis, mas enquanto a fala é circunstancial e mais ou menos acidental, sempre aqui e agora, a língua é essencial e, por isso mesmo, constitui-se num princípio de organização coerente, num sistema autônomo suscetível de aproximação científica específica. Foram, portanto, conceitos teóricos capazes de descrever e analisar as leis articulatórias da língua o que Saussure pretendeu desenvolver no seu curso.

Desse modo, a preocupação explícita desse pensador era a de fundar uma ciência da linguagem verbal. Em nenhum momento foi por ele demonstrada qualquer iniciativa no sentido de formular conceitos mais gerais que pudessem servir de base para uma ciência mais ampla do que a Lingüística. Ao contrário, consciente disso, Saussure apenas previu a necessidade de existência dessa ciência mais vasta que ele batizou de Semiologia.

Para Saussure, a Semiologia teria por objeto o estudo de todos os sistemas de signos na vida social. Nessa medida, a Lingüística, ou seja, a ciência que ele tinha por propósito desenvolver, seria uma parte da Semiologia que, por sua vez, seria uma parte da Psicologia Social.

Mais de quarenta anos pós-saussureanos precisaram, no entanto, transcorrer para que a Lingüística estrutural fosse devidamente absorvida, divulgada e ampliada, para que seu método fosse aplicado a áreas vizinhas, suas descobertas devidamente exploradas pelos novos pensadores. Assim sendo, só por volta dos anos 50 é que a proposta saussureana de nascimento da Semiologia passou a ser desenvolvida pelos investigadores europeus.

Esse desenvolvimento pode ser explicado, entre outras coisas, pela pressão ou exigência que a proliferação crescente dos meios de comunicação de massa criava quanto à necessidade de existência de uma ciência capaz de dar conta da natureza e distinções entre as variadas linguagens veiculadas pelos diferentes meios (jornal, cinema, revistas, rádio, TV etc.) e que desse conta, antes de mais nada, de um instrumental teórico mais apto a desvendar a complexa natureza intersemiótica da arte e da literatura modernas.

Contudo, esse instrumental, desde sua origem, a Semiologia tomou de empréstimo à Lingüística. Nessa medida, a teoria semiológica de extração lingüística caracteriza-se pela transferência dos conceitos que presidem à análise da linguagem verbal-articulada para o domínio de todos os outros processos de linguagens não-verbais. Assim como ocorre na Semiótica russa, o modelo lingüístico é, na maior parte das vezes, preenchido com aparatos teóricos advindos de áreas vizinhas, tais como teoria da Comunicação e Informação, Semântica (ramo da própria Lingüística), Antropologia, estudo dos Mitos, Simbologia, Teoria Literária etc. Fica aí em falta,

origens

contudo, uma fundação teórica consistente e homogênea capaz de plantar uma ciência Semiótica a partir de raízes próprias.

Dado o fato de que está prevista nesta mesma coleção Primeiros Passos a existência de um volume sobre *O que é Semiologia*, não pretendemos aqui entrar nos detalhes dos caracteres através dos quais a Semiologia europeia tem se desenvolvido. Faz-se necessário, porém, esclarecer que essa distinção entre Semiótica e Semiologia não é apenas terminológica. Apesar de que muito trabalhos façam indiscriminadamente uso dos dois termos, há que diferenciar as árvores da floresta. Os estudos filiados à tradição lingüística terão necessariamente, de saída, postulações profundamente distintas daquelas que a teoria peirceana exige e permite.

Isso é o que para nós tem de ficar bem claro, visto que não é tanto o nome Semiótica ou Semiologia o que realmente importa, no caso, mas a nossa capacidade de discriminar as fontes ou instrumentos teóricos que os estudos semióticos estão tomando como base, para que se possa saber em que terreno se está pisando.

Alguns confrontos

A teoria peirceana foi aquela que primeiramente brotou no tempo, pois que, desde o século XIX, a doutrina geral dos signos estava sendo formulada por Peirce. A primeira década do século XX, por outro lado, corresponde ao período em que Saussure ministrou seu curso na Universidade de Genebra, curso este que deu origem à divulgação mais ampla de uma ciência Lingüística.

No entanto, foi apenas em meados do século XX que, tanto na União Soviética quanto na Europa, os estudos mais própria e intencionalmente semióticos começaram a se desen-

volver. Não resta a menor dúvida de que foi graças a esse grande influxo de uma preocupação semiótica no mundo que a doutrina dos signos, formulada por Peirce, começou a ser recuperada. Não fosse por isso, essa teoria talvez estivesse até hoje quase totalmente ignorada.

Conforme se pode ver, não são lineares os caminhos de uma ciência. É através de estranhas espécies de jogos cruzados que o pensamento humano caminha e responde às necessidades com que a realidade o instiga.

Entretanto, a convergência das três fontes da Semiótica para a criação de uma ciência única não pode nos levar a esquecer ou ocultar distinções nas bases dessas fontes. Muitas aproximações, por exemplo, entre a teoria de Peirce e a de Saussure têm aparecido sem levar em conta as raízes de suas diferenças. Durante algum tempo, eu mesma fui levada a estabelecer apressadas relações de comparação entre ambos. Hoje, já vejo mais claro que esse tipo de comparação só pode ser feito *a posteriori*, depois de elucidadas pelo menos algumas dentre as abissais diferenças que separam as obras de cada um desses pensadores.

A Lingüística saussureana brotou de um primeiro corte abrupto e estratégico nas relações que a linguagem humana mantém com todas as outras áreas do saber sobre o homem (Antropologia, Psicologia, Sociologia e, sobretudo, a Filosofia). A descoberta da língua, como sistema autônomo e objeto específico de uma ciência que lhe é própria, nasceu exatamente desse corte.

Com isso, contudo, foram rompidas, de saída, todas as veias de indagação das relações inseparáveis que a linguagem mantém com o pensamento, as operações da mente, a ação e com o intrincado problema da representação do mundo. Essa carência ou lacuna, a Semiologia de extração lingüística acabou por carregar inevitavelmente no seu bojo.

Toda a Semiótica peirceana brotou, ao contrário, de um infatigável, longo e árduo caminho inverso. Para Peirce, todas as realizações humanas (no seu viver, fazer, lutar, na sua apreensão e representação do mundo) configuram-se no interior da mediação inalienável da linguagem, entendida esta no seu sentido mais vasto. Com isso, aflora o que poderíamos denominar o mais cabal deslocamento no pólo e vetor das tradicionais teorias do conhecimento, visto que a Semiótica peirceana é, antes de mais nada, uma teoria sógnica do conhecimento.

Não há dúvida que a linguagem tem sido, neste século, o objeto nuclear das indagações filosóficas. Entretanto, a posição de Peirce, nesse contexto, é personalíssima, visto que, enquanto a moderna filosofia européia tem buscado questionar o racionalismo ocidental, utilizando ainda as ferramentas de um pensamento verbalista, na filosofia de Peirce essas ferramentas são dinamitadas de saída.

Por outro lado, vindo de uma formação nas ciências exatas, Peirce representa a novidade de não separar a filosofia e a construção de seu pensamento dos avanços nas ciências modernas, antevendo, inclusive, muitas descobertas que estas vieram a apresentar no transcorrer do nosso século.

Nessa medida, sem negarmos a importância dos estudos realizados pela Lingüística e a Semiologia, acreditamos que, cada vez mais, o debate entre Semiótica e Semiologia tenderá a esmaecer, diante de um outro debate: o da teoria peirceana em diálogo de absorção e oposição com 25 séculos de tradição filosófica ocidental.

Não queremos com isso dizer que os estudos semiológicos tenderão a desaparecer. Ao contrário, tenderão provavelmente a crescer, convertendo-se em casos particulares, isto é, em Semióticas especiais para o preenchimento imprescindível dos detalhes descritivos de uma ciência mais ampla e mais abstrata: a teoria geral ou quase formal e necessária doutrina dos signos, conforme Peirce a batizou.

Balthus de certo modo
chega a essa generalização peirceana.

INDICAÇÕES PARA LEITURA

Fragmentos selecionados da obra de Peirce encontram-se publicados nos *Collected Papers* (8 volumes), Harvard U. Press. Alguns trechos, selecionados por entre esses oito volumes, foram traduzidos para o português. Contamos hoje, no Brasil, com três edições que contêm pequenas partes da obra de Peirce. São elas: *Semiótica e Filosofia* (Ed. Cultrix), *Peirce* (col. "Os Pensadores", Abril, vol. XXXVI) e *Semiótica* (Ed. Perspectiva).

Além disso, há já vários anos, têm sido publicadas no Brasil obras traduzidas de autores estrangeiros ou obras de autores brasileiros, todas elas relativas à Semiótica Geral ou aplicada. Nessas obras, o leitor poderá encontrar sínteses mais ou menos extensas da teoria dos signos. No livro *Pequena Estética*, de Max Bense (Ed. Perspectiva), por exemplo, há uma introdução de Haroldo de Campos, assim como notas e comentários no decorrer do livro, onde conceitos semióticos são tratados e discutidos. O livro *Semiótica e Literatura* (Ed. Perspectiva), de Décio Pignatari, foi a primeira obra de autor brasileiro a trazer para o nosso contexto uma aplicação da teoria semiótica à Literatura. Na introdução (escrita por Haroldo de Campos) ao livro *Ideograma* (Ed. Cultrix), o leitor poderá encontrar importantes discus-